

## ZARATUSTRA: DA CIDADE À MONTANHA E DA SOLIDÃO À MULTIDÃO<sup>107</sup>

Hedy Carlos Santos de Pina\*

**Resumo:** A presente produção pretende discorrer sobre o passar de Zaratustra pelas cidades como rio, que, dando muitas voltas, retorna à nascente. Para tanto, serão analisados trechos da obra *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche. O intuito é apresentar uma possível relação entre o nome da “cidade cara ao seu coração” chamada A Vaca Pintalgada e a cidade democrática descrita por Sócrates como um “manto florido e variegado” e “espetáculo multicores” no diálogo A República de Platão. Nesse itinerário, a pesquisa se ancora na crítica de Platão direcionada à democracia ateniense da sua época e a de Nietzsche à democracia europeia da modernidade.

**Palavras-Chave:** Cidade. Democracia. Desigualdade.

---

<sup>107</sup> Nota de esclarecimento: Trabalhar com a obra de determinado autor, principalmente em filosofia, requer que antes de iniciarmos propriamente o texto, deixemos claro o nosso posicionamento quanto à utilização de terminologias, abreviaturas e traduções de conceitos desse autor. Com Nietzsche não seria diferente. Com efeito, a diversidade de sua obra – aí se incluindo as publicadas pelo autor e em nome dele – bem como a variedade de estilos e “fluidez” conceitual assim o exigem. Assim, no que diz respeito às citações, são de Nietzsche as obras sem indicação de autor. Optou-se por fazer referência não ao ano de publicação da edição utilizada de uma obra, mas à abreviatura do título conforme a legenda abaixo:

EH/EH - *Ecce homo / Ecce homo* (1888 – 1908) FW/GC - *Die fröhliche Wissenschaft / A Gaia ciência* (1882, 1886) GB/BM - *Jenseits von Gut und Böse / Para além do bem e do mal* (1886) GD/CI - *Götzen-Dämmerung / Crepúsculo dos ídolos* (1888 - 1889) Za/ZA - *Also sprach Zarathustra / Assim falou Zaratustra* (1883-1885).

Para a obra publicada, o algarismo arábico indica o aforismo, normalmente seguido, após vírgula, da página referente à tradução brasileira utilizada; no caso de GM, Z e GD/CI, o algarismo romano anterior ao arábico remete à parte do livro, seguindo-se, no caso dos dois últimos, o capítulo ou título do discurso. Para EH, o capítulo será indicado por algarismo romano, seguido, quando for o caso, da abreviatura da obra tema do capítulo. No caso dos fragmentos póstumos, o algarismo romano indica o volume da edição da KSA indicada, seguido do algarismo arábico que indica a seção, o número do fragmento em colchetes, e o ano em que foi escrito.

Para quase todos os textos de Nietzsche aqui utilizados, trabalhamos com a tradução de Paulo César de Souza; Z, com tradução de Mário da Silva. Para os volumes dos fragmentos IX a XIII, tomou-se a tradução de Marcos S. P. Fernandes e Francisco J. D. de Moraes para a seleção de fragmentos intitulada *Vontade de poder* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2008). Para os demais autores, as referências em notas de rodapé indicam apenas: autor, título do livro ou artigo e a página. A referência completa, juntamente com a tradução, encontra-se nas referências bibliográficas ao final da dissertação.

\* Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Membro do Grupo de Estudos em Nietzsche – GENi (UECE). E-mail: hedycarlosp@gmail.com.

## ZARATUSTRA: FROM THE CITY TO THE MOUNTAIN AND SOLITUDE TO THE CROWD

**Abstract:** The present production intends to explain about the passage of Zarathustra by the cities like river, that, giving many returns, returns to the source. For that, will be analyzed excerpts from the work Thus spoke Zarathustra by Nietzsche. The intention is to present a possible relation between the name of the "city facing his heart" called The Cow Paint and the democratic city described by Socrates as a "flowery and variegated cloak" and "multicolored spectacle" in the Dialogue of Plato. In this itinerary, the research anchors in the critic of Plato directed to the Athenian democracy of his time and the one of Nietzsche to the European democracy of the modernity.

**Keywords:** City. Democracy. Inequality.

### 1. Introdução: crítica à democracia como igualdade entre os homens

Zarathustra, enojado do nivelamento e apequenamento dos homens da cidade, se retira na solidão da caverna do alto da montanha. Cresce o abismo entre ele e os que vivem na planície, amontoados na cidade. O espírito de distanciamento faz Zarathustra enxergar nas suas visitas às cidades o quanto as virtudes desses homens os tornaram mesquinhos e pequenos.<sup>108</sup> Suas modestas virtudes têm por finalidade atingir a pequena felicidade que consiste no bem-estar da maioria.<sup>109</sup> Zarathustra anda atento entre esses homens pequenos, pois ele mesmo adverte sempre que é necessário ter cuidado com homens pequenos. Estes guardam uma contida inveja e frustrada presunção e desejam a vingança que chamam de “justiça”.<sup>110</sup>

No capítulo denominado “*Das tarântulas*” do livro I, Zarathustra discursa contra os que ele denomina de “pregadores da igualdade”<sup>111</sup>. Aqueles que com um espírito ressentido, incapazes de afirmar e manifestar o seu poder, tecem astuciosamente o

---

<sup>108</sup> “Tudo tornou-se menor!

Em toda a parte, vejo portas mais baixas: quem for da minha espécie ainda poderá passar por elas, mas – terá de abaixar-se!

Oh, quando poderei voltar à minha terra sem mais precisar abaixar-me – abaixar-me diante dos pequenos!” *Za/ZA*, “Da virtude amesquinhadora” §1, 203.

<sup>109</sup> “Passo no meio desta gente e guardo os olhos abertos: tornaram-se mais pequenos, cada vez mais pequenos; – mas isto se deve à sua doutrina da felicidade e da virtude.

É que são modestos também na virtude – pois querem o bem-estar. Mas somente uma virtude modesta condiz com o bem-estar”. *Ibid.*, 205.

<sup>110</sup> *Ibid.*, “Das tarântulas”, 129.

<sup>111</sup> “Assim falo convosco por imagens, vós que fazeis a alma rodopiar, vós pregadores da igualdade! Não passais de tarântulas e bem ocultas almas vingativas!” *Ibid.*

conceito de “igualdade”<sup>112</sup>. Os menos atentos sentem-se atraídos pela noção de justiça como igualdade, caindo assim na armadilha dessas tarântulas. Suas mordidas injetam venenos de vingança acumulada e cultivada contra os que não são iguais a eles. Portanto, a ideia de “igualdade entre os homens” foi forjada pela moral dos ressentidos que nutrem uma oculta inveja dos mais elevados, os do espírito mais nobres.<sup>113</sup> Desse modo, do ressentimento e ódio pela hierarquia e aristocracia, a democracia, na modernidade, ressurge a democracia como a revolta da maioria que brada pela igualdade.

Sócrates, o principal personagem do diálogo de Platão, descreve a democracia como uma bela forma de governo, mas desorganizada e variada que confere certa igualdade tanto para o igual como para o desigual (558c). Nietzsche em muito seus escritos também critica a democracia europeia como uma forma de decadência da força organizadora que com base na moral prega a igualdade entre os homens (GD/CI IX §39). Este trabalho não tem a pretensão de fazer uma análise da crítica de Platão à democracia ateniense do século quinto e muito menos fazer uma comparação e uma diferenciação minuciosa e profunda com a crítica de Nietzsche. O objetivo se restringe unicamente interpretar e analisar uma suposta referência de Nietzsche ao pensamento de Platão ao denominar a cidade preferida de Zarathustra de A Vaca Pintalgada. Deste modo, esta comunicação joga luz sobre uma das tantas possíveis perspectivas de investigação sobre a relação entre o pensamento de ambos os autores sobre a política.

## 2.1 O retorno de Zarathustra à cidade

Numa obra anterior a *Zarathustra*, *A Gaia Ciência*, no aforismo 342 intitulado *Incipit tragoedia*<sup>114</sup> (A tragédia começa), o último do livro IV, Nietzsche descreve o início da tragédia do principal personagem da obra posterior. O início do prólogo de *Zarathustra* se assemelha em grande medida com o referido aforismo. Conta-se ali

---

<sup>112</sup> Ó pregadores da igualdade, é o delírio tirânico da impotência que assim clama, em vossa boca, por ‘igualdade’: os vossos mais secretos desejos de tirania disfarçam-se em palavras de virtude!” Ibid.

<sup>113</sup> Mas Zarathustra atento se justifica: “porque, a mim, assim fala a justiça: ‘Os homens não são iguais’”.

<sup>114</sup> FW/GC §342, 205.

também que a tragédia de Zaratustra<sup>115</sup> inicia quando este completa os trinta anos de idade e decide abandonar sua terra e o lago de Urmi, retirando-se para as montanhas.<sup>116</sup> Queria ele, como camelo carregando suas cinzas, correr para o seu deserto para longe de todos os camaleiros.<sup>117</sup> “O que me aconteceu, afinal?”, questiona Zaratustra ao seu coração. Aconteceu que havia se cansado da gentalha e enjoado da água suja da verdade das suas fontes. O nojo<sup>118</sup> pela multidão e suas doutrinas do bem e do mal fizeram Zaratustra subir o cume da montanha e distanciar-se por dez anos.

Depois de ter gozado do seu espírito e de sua solidão, Zaratustra certa manhã levantou com um coração transfigurado<sup>119</sup> e decidiu iluminar como o sol aqueles que vivem nas sombras. Havia nascido nele o desejo e a necessidade de esvaziar o copo querendo enchê-lo novamente. Iluminado, o solitário, cansado da sua própria solidão, declina em direção aos homens carregando na algibeira da sua transbordante sabedoria acumulada um presente para os homens. Descendo para a cidade, no bosque, encontra um eremita que testemunhara antes a sua subida e agora testemunha sua descida e percebe uma grande mudança em Zaratustra.

Ao chegar à cidade mais próxima, Zaratustra se dirige à multidão reunida na praça para assistir o espetáculo de um equilibrista que andaria sobre a corda. Ali proferiu seu discurso sobre o super-homem. Ao terminar o discurso, Zaratustra percebeu que não fora compreendido pelo povo que ria dele. Dali prosseguiu pelas ruas escuras ao ser expulso da cidade pelo palhaço que lhe dissera: “Vai-te embora desta cidade, ó Zaratustra (...), muitos são os que, te odeiam. Odeiam-te os bons e os justos, e chamam-te seu inimigo e desprezador; odeiam-te os crentes da verdadeira fé, e chamam-te um perigo para a multidão”<sup>120</sup>. Triste e frustrado com o fracasso do anúncio do super-

---

<sup>115</sup> “Zoroastro-Zaratustra: em seu curso de 1877, na Basileia, Nietzsche utilizou a Simbólica de Creuzer, ainda que já tivesse lido anteriormente o Zend-Avesta, traduzido por Spiegel, e a arqueologia iraniana que este autor escreveu posteriormente”. CRAGNOLINI, Mónica B. *De Bactriana e as margens de Urmi à montanha e o acaso: Como introdução à leitura de Assim falou Zaratustra*. p. 24.

<sup>116</sup> FW/GC §342, 205.

<sup>117</sup> “E alguns que foram para o deserto e passaram sede com animais de rapina queriam apenas não sentar-se em torno da cisterna com sujos camaleiros”. Za/ZA, “Da canalha”. p. 92.

<sup>118</sup> “O grande fastio pelo homem – isso me sufocou, me havia entrado na garganta: e o que o vidente vaticinou: Tudo é igual, nada vale a pena, o saber sufoca”. Za/ZA, “O convalescente”. p. 210

<sup>119</sup> Za/ZA, “Prólogo” §1, p. 11.

<sup>120</sup> Za/ZA, “Prólogo” §8, 45.

homem à multidão, Zaratustra sai da cidade, carregando consigo apenas o cadáver do equilibrista que havia caído da corda quando o palhaço pulou por cima dele.

## 2.2. A Vaca Pintalgada de Zaratustra e o manto florido de Sócrates

Longe da multidão, depois de um longo sono na floresta, Zaratustra ao acordar, num pulo se levantou, “pois viu uma nova verdade”. Zaratustra fala a si mesmo sobre a “nova verdade” que contemplou quando no silêncio da aurora olhou para dentro de si:

Uma luz raiou para mim: de companheiros necessito, de vivos – não de mortos e cadáveres, que levo comigo para onde eu quero ir.  
Mas de companheiros vivos necessito, que me sigam porque querem seguir a si mesmos – e para onde quero ir.  
Uma luz raiou para mim: que Zaratustra não fale para o povo, mas para companheiros! Zaratustra não deve se tornar pastor e cão de um rebanho!  
Para atrair muitos para fora do rebanho – vim para isso. Povo e rebanho se enfurecerão comigo: Zaratustra quer ser chamado de ladrão pelos pastores<sup>121</sup>.

Os companheiros que Zaratustra busca não são cadáveres, tampouco rebanhos e crenças, porque “aqui não fala nenhum ‘profeta’, nenhum daqueles horrendos híbridos de doença e vontade de poder chamados fundadores de religiões”<sup>122</sup>. Ele busca por criadores e quebradores de suas tábuas de valores, os que escrevem novos valores em novas tábuas.

Esses novos companheiros seriam encontrados cerca de quatro horas de caminhada em uma cidade chamada A Vaca Pintalgada. Todos os discursos de Zaratustra que fazem parte do primeiro livro serão proferidos ali. Nesta cidade tão estimada por ele, Zaratustra permanece por um tempo e finalmente acha ouvidos seletos para suas doutrinas. A cidade que se tornou o cenário principal da primeira parte do

---

<sup>121</sup> Ibid. §9, 47.

<sup>122</sup> EH/EH-“Prólogo” §4, 17.

livro, a “cidade que amava”<sup>123</sup>, a “cidade cara ao seu coração e cujo nome era A Vaca Pintalgada”<sup>124</sup> parece no mínimo ter uma ligação curiosa com a crítica que Sócrates, o personagem principal dos diálogos de Platão, faz a uma cidade cuja forma de governo é a democracia. Sócrates compara uma cidade desse tipo com um “manto florido e variegado” e “espetáculo multicores”<sup>125</sup> que comprazem crianças e mulheres.

A crítica de Platão é direcionada à democracia ateniense da sua época e a de Nietzsche à democracia europeia da modernidade. Nas palavras de Sócrates: “São essas, lhe disse, e outras muitas da mesma procedência, as características da democracia. Como se vê, é uma bela forma de governo, desordenada e variada, que confere certa igualdade tanto para o igual como para o desigual”.<sup>126</sup> Para o filósofo alemão “o democratismo sempre tomou a forma de decadência da força organizadora”,<sup>127</sup> e acredita que a moral faz parte do caráter desta época democrática, “uma época que tomou como divisa a grande mentira da ‘igualdade dos homens’ é rasa (...)”. Assim como Platão acreditava que a democracia seria a degeneração de um governo, Nietzsche afirma que ela é a forma que assume a ruína do Estado.

Nietzsche faz a constatação de que os valores morais, religiosos, políticos e estéticos da modernidade são uma espécie de “antídoto contra o niilismo prático e teórico”<sup>128</sup>. A hipótese moral cristã serviu como meio de conservação na medida que “ela empresta ao homem um valor absoluto, em contraposição à sua pequenez e contingência na torrente do devir e do passar”<sup>129</sup>. Segundo Nietzsche, ela deu um sentido à existência e computou a ideia de liberdade<sup>130</sup>. Contudo, “o que se considerou como remédio contra a degeneração são apenas paliativos contra os efeitos dela: os ‘curados’ são somente um *tipo dos degenerados*”<sup>131</sup>. Na crença de estar escolhendo o remédio para combater a degeneração, o efeito é justamente contrário: a aceleração do esgotamento<sup>132</sup>. O cristianismo seria para Nietzsche uma espécie de veneno oferecido como remédio no tratamento da falta de sentido da existência.

---

<sup>123</sup> Za/ZA, “Dos renegados” §2, 220.

<sup>124</sup> Ibid., “Da virtude dadivosa” §1, 101.

<sup>125</sup> Rep., 557c.

<sup>126</sup> Rep., 558c.

<sup>127</sup><sup>127</sup> GD/CI, “As incursões de um extracontemporâneo” §39, 63.

<sup>128</sup> KSA 12, 5 [71] §1, 1887.

<sup>129</sup> Ibid.

<sup>130</sup> Ibid.

<sup>131</sup> KSA 13, 14 [74]-[73], 1888.

<sup>132</sup> KSA 13, 17 [6], 1888.

O tratamento não surte efeito, segundo Nietzsche, porque “não se quer combater a debilidade com um *systeme fortifiant*, mas sim por meio de uma espécie de justificativa, de moralização: isto é, por meio de uma interpretação”.<sup>133</sup> Sendo assim, a modernidade, mesmo após o desmoronamento do cristianismo e aniquilamento de toda moral, não teve a força suficiente para traçar uma nova meta e dar um novo sentido para além de todo bem e mal. A multiplicidade e desagregação dos impulsos do homem moderno e o esfacelamento dos valores da cultura europeia beiram a uma catástrofe: o niilismo. O movimento democrático moderno seria para Nietzsche o herdeiro do movimento cristão<sup>134</sup> que conserva um tipo degenerado da existência: a vida gregária. Uma forma de vida que preza o bem-estar de todos em detrimento da autoafirmação do indivíduo.

O cristianismo ocidental e a democracia liberal com sua tábua de valores morais encaminhou a humanidade a um tipo padronizado de homem que teme e estigmatiza o diferente.<sup>135</sup> De acordo com Nietzsche:

Quanto mais domina nos homens o sentimento da sua unidade com os seus semelhantes, mais eles percebem qualquer diferença como sendo imoral. Assim, aparece necessariamente a areia da humanidade: todos muito semelhantes, muito pequenos, muito fracos, muito conciliadores, muito enfadonhos. Até agora, foram o cristianismo e a democracia que conduziram a humanidade mais longe no caminho dessa metamorfose em areia.<sup>136</sup>

O homem moderno, o da planície, que tudo apequena busca apenas conservar a sua pequena vida. Ao invés de criar, conserva de forma mesquinha e avarenta seus pequenos prazeres e seus desejos não vão além do conforto e do bem-estar. Preocupa-se

---

<sup>133</sup> Ibid.

<sup>134</sup> “[...] chegou-se ao ponto de encontrarmos até mesmo nas instituições políticas e sociais uma expressão cada vez mais visível dessa moral: o movimento *democrático* constitui a herança do movimento cristão”. GB/BM §202, 102.

<sup>135</sup> “O quanto de perigoso para a comunidade, para a igualdade, exige numa opinião, num estado ou afeto, numa vontade, num dom, passa a constituir a perspectiva moral: o temor é aqui novamente o pai da moral. Quando os impulsos mais elevados e mais fortes, irrompendo passionalmente, arrastam o indivíduo muito acima e além da mediania e da planura da consciência do rebanho, o amor-próprio da comunidade se acaba, sua fé em si mesma, como que sua espinha dorsal, é quebrada: portanto, justamente esses impulsos são estigmatizados e caluniados. A espiritualidade superior e independente, a vontade de estar só e mesmo a grande razão serão percebidos como perigo: tudo o que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo é doravante apelidado de mau”. JGB/BM-I §201, 100.

<sup>136</sup> FP 3[98]534-355.

em satisfazer suas pequenas necessidades sem ferir o vizinho, respeitando sempre a distância certa. Essa distância, que garante a segurança e integridade entre os homens dentro da cidade, é mantida pelos valores morais. Juntos e dependentes uns dos outros facilita a sobrevivência de cada um. Deste modo, a liberdade de um termina onde começa a do outro, e a sua felicidade está em causar e sofrer a menor dor possível. Incapazes de sobreviver a sós nas gélidas montanhas, buscam o conforto e a segurança da cidade.

Zaratustra, o solitário das montanhas, é odiado e expulso da primeira cidade, e mesmo naquela que ele tanto amava sempre se refugiava caminhando sozinho pelos montes que circundam a cidade chamada A Vaca Pintalgada.<sup>137</sup> Assim falou Zaratustra: “Amo a floresta. Ruim é a vida nas cidades: há ali demasiados libidinosos”.<sup>138</sup> As praças sempre ocupadas por multidões que mendigam por entretenimentos, com palhaços ou acrobatas, ou com acidentes espetaculares; as feiras são povoadas por “alarido dos grandes comediantes e o zunido das moscas venenosas”.<sup>139</sup> Um homem de espécie superior como Zaratustra não suporta por muito tempo a vida na planície. Assim aconselha Zaratustra:

Foge para a solidão, meu amigo! Vejo-te atordoado pelo alarido dos grandes homens e picado pelo ferrão dos pequenos. Dignamente sabem calar-se, contigo, as florestas e o rochedo. Volta a parecer-te com a árvore que amas, a de ampla ramagem: silenciosa e à escuta, debruçada sobre o mar.<sup>140</sup>

Aqueles que fogem para sua solidão sempre hão de retornar à multidão, não para resignarem-se e acomodarem-se, mas descem da montanha como um novo tipo de bárbaros.<sup>141</sup> Esses conquistadores e dominadores queimarão as casas dos homens de

---

<sup>137</sup> Za/ZA, “Da árvore no monte”, 68.

<sup>138</sup> Ibid. “Da castidade”, 81.

<sup>139</sup> Ibid. “Das moscas da feira”, 78.

<sup>140</sup> Ibid., 77.

<sup>141</sup> “Eu indico algo de novo: os bárbaros representam um perigo para o regime democrático, mas eles são procurados somente na escória da sociedade. Há também um outro tipo de bárbaros que vem dos cumes: um tipo de homem que são conquistadores e dominadores e que buscam uma matéria para modelar. Prometeu era um bárbaro desse tipo”. FP 34[112]186



alma pequena<sup>142</sup>, destruirão as tábuas de valores e instituirão os mais elevados. Diz Nietzsche na sua obra *Além do bem e do mal*:

Nós que pertencemos a outra fé, nós que consideramos o movimento democrático não apenas como o estado de degeneração das organizações políticas, mas como um estado de decadência em que o homem fica menor, cai na mediocridade e perde valor: onde depositaremos nossa esperança? Nos *novos filósofos*, não temos escolha; nos espíritos muito fortes e incólumes o bastante para estimular o advento de valores opostos, para reavaliar e transvalorar os “valores eternos”; nos precursores, nos homens do futuro, capazes de ligar indissolavelmente a época atual à cadeia que obrigará a vontade de milênios a se engajar em caminhos novos.<sup>143</sup>

A democracia dos medíocres, que é a democracia do “maior número”, será, segundo Nietzsche, abalada um dia por uma “nova espécie de filósofos e comandantes”. O filósofo legislador seria possível, como constata Nietzsche, se os espíritos livres criarem ou também utilizarem as circunstâncias que tornariam possível a sua vinda. É necessário para o autor de *Zarathustra*, forjar nessa alma elevada a necessidade destas tarefas e que ele fosse capaz de suportar o fardo de uma tal responsabilidade.<sup>144</sup>

Mais na frente, nos seus escritos póstumos aparece o seguinte apontamento: “Não se acredita mais nos filósofos, inclusive entre os eruditos; este é o ceticismo de uma época DEMOCRÁTICA, que recusa uma espécie superior de homens. A psicologia do século está essencialmente dirigida contra as naturezas superiores”<sup>145</sup> Nietzsche parece carregar para si a tarefa que antes havia atribuído aos filósofos do futuro. Diz ele: “na época do *suffrage universel*, quer dizer, numa época na qual todos podem se erigir como juízes de todos e de todas as coisas, fico ansioso por restabelecer a *hierarquia*”.<sup>146</sup> A incumbência de derrubar velhos ídolos e erguer novos valores exige um instinto forte e singular. Uma natureza que possui *quantas* de forças divergentes estruturadas numa só hierarquia que dá clareza e direção. Assim Nietzsche faz um

---

<sup>142</sup> “Que significam essas casas? Na verdade, nenhuma grande alma as pôs ali como sua própria imagem!”. *Za/ZA*, “Da virtude amesquinhadora” §1, 203.

<sup>143</sup> *GB/BM* §203, 103.

<sup>144</sup> *Ibid.*

<sup>145</sup> *FP* 26[342] 273

<sup>146</sup> *FP* 26[9]174

autodiagnóstico e se avalia como o único da sua época capaz de levar a cabo o tamanho ofício.<sup>147</sup>

Toda a cultura europeia havia sido estruturada sobre tais valores, portanto, aquele que carrega o martelo será visto como o terrível destruidor por uns e por outros como o grande construtor de uma nova era. Perante tal homem nenhuma consciência permanece indiferente. Frente à tamanha sorte, Nietzsche faz a seguinte previsão:

Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembranças de algo tremendo – de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciência, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. Eu não sou um homem, sou dinamite.<sup>148</sup>

Uma empreitada de tal amplitude não pode ser transferida a terceiros e nem aos que virão. Um projeto que antes seria realizado pelos filósofos e legisladores do futuro, agora se fez no próprio autor “gênio e carne” que declara que somente a partir dele há nova esperança.<sup>149</sup> Desse modo, evitando ser confundido com um novo fundador de religião, Nietzsche diz não se dirigir à plebe. Em oposição ao fundador do cristianismo e da moral cristã que carrega o símbolo “Deus na cruz”, ele afirma carregar um outro, “O Dionísio”: “Dionísio contra o Crucificado”<sup>150</sup>. Como um “mensageiro alegre” Nietzsche se identifica com aquele que possui uma natureza dionisíaca afirmadora da vida, ou mesmo como o homem mais terrível que possui a força para destruir.<sup>151</sup>

---

<sup>147</sup> “Para a tarefa de uma transvaloração dos valores eram necessárias talvez mais faculdades do que as que jamais coexistiram em um só indivíduo, sobretudo também antíteses de faculdades, sem as quais estas se poderiam obstruir, destruir. Hierarquia das faculdades; distância; a arte de separar sem incompatibilizar; nada misturar, nada “conciliar”; uma imensa multiplicidade, que no entanto é o contrário do caos – esta foi a precondição, a longa e secreta lavra e arte de meu instinto”. EH/EH-II §9, 46.

<sup>148</sup> EH/EH-XIV§1, 102.

<sup>149</sup> Ibid.

<sup>150</sup> Segundo Rubira, são “símbolos que expressam, por um lado, uma transvaloração ocorrida e, por outra, uma nova transvaloração que, aos olhos do filósofo, necessita ocorrer. Vê-se, portanto, por que o projeto de transvaloração de todos os valores nietzschiano é algo demasiadamente polêmico: com ele Nietzsche vem questionar, nada menos, que dois milênios de história”. RUBIRA, Luis. *Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche*, p. 118.

<sup>151</sup> “Eu sou, no mínimo, o homem mais terrível que até agora existiu; o que não impede que eu venha a ser o mais benéfico. Eu conheço o prazer de destruir em um grau conforme à minha força para destruir – em ambos obedeco à minha natureza dionisíaca, que não sabe separar o *dizer Sim* do *fazer Não*. Eu sou o primeiro *imoralista*: e com isso sou o destruidor *par excellence*”. EH/EH-XIV §2, 103.

Nietzsche identifica os quatro grandes pilares democratas: Sócrates, Jesus Cristo, Lutero e Rousseau.<sup>152</sup> O primeiro, Sócrates, o plebeu<sup>153</sup> do mercado que havia corrompido os jovens aristocratas como Platão; o segundo, Jesus Cristo, o pregador dos pobres e fundador do cristianismo; o terceiro, o monge provinciano movido pela inveja do clero de Roma que acabou por restabelecer o cristianismo dos miseráveis e por fim um outro filósofo plebeu ressentido, Rousseau, fundador da democracia liberal baseada na igualdade de todos. Para Nietzsche, esses homens iniciaram em suas épocas uma revolta dos escravos movida pelo ressentimento e ódio pelos homens superiores. Portanto, o cristianismo e a democracia cresceram no solo da moral escrava e levou a degeneração global do homem e ao apequenamento do homem transformando-o em animal de rebanho.<sup>154</sup>

No capítulo “*Do passar além*” do livro terceiro, Zaratustra ao aproximar-se do portão da *grande cidade* foi abordado por um louco que o povo chamava “o macaco de Zaratustra”. O louco o advertiu sobre as imundícies da cidade, aconselhando-o a cuspir e voltar atrás. Enquanto maldizia sobre os moradores da cidade, Zaratustra o interrompe tampando-lhe a boca dizendo:

Há muito que me enjoam tuas palavras e teu jeito!  
Por que viveste tanto tempo no pântano, tornando-te tu mesmo rã e sapo?  
Em tuas próprias veias não corre sangue pútrido e espumoso de pântano, de modo que assim aprendeste a coaxar e praguejar?  
Porque não foste para o bosque? Ou araste a terra? O mar não está cheio de ilhas verdes?  
Eu desprezo o teu desprezo; e, se me advertiste – porque não advertiste a ti mesmo?  
Apenas do amor devem partir meu desprezo e meu pássaro admoestador: não do pântano!<sup>155</sup>

Para Zaratustra, as lamúrias e queixas do louco advinham de sentimento de uma vingança impotente. Não passava de uma reação frente a um lugar e a uma multidão que ele poderia simplesmente desprezar preferindo a solidão. Zaratustra é o oposto daqueles

---

<sup>152</sup> FP 9[25]26

<sup>153</sup> FP 9[20]25

<sup>154</sup> GB/BM §203, 104.

<sup>155</sup> Za/ZA, “Do passar além”, 169-170.

que possuem um espírito de negação, afirma Nietzsche no *Ecce homo*. Nisso inclui, além do louco imitador de Zaratustra, aqueles que desprezam a vida e estão cansados de existir. Os que do mundo só enxergam o lado negativo e por isso pregam esses “fanáticos e cabisbaixos, em que também o coração pende para baixo: ‘O próprio mundo é uma monstruosa imundície’”<sup>156</sup>.

O desprezo de Zaratustra parte, não de um ódio ou revolta contra o *factum* (destino), mas do amor. Para Nietzsche, o desprezo e a revolta dos quatro democratas mencionados partem do ressentimento impotente. Sentimento que poderia ser evitado se não tivessem vivido por muito tempo entre os homens pequenos. Suas críticas aos homens e costumes de suas cidades não passam de lamúrias e queixumes. Deveriam ter eles deixado as suas cidades e refugiar-se nas florestas e montanhas, ter-se elevados acima dos medíocres ou simplesmente ter passado além. Por isso que Zaratustra não permanece por muito tempo em uma cidade e está constantemente descendo e subindo a montanha. Mas o que o faz percorrer como rio as cidades? “Porque queria saber o que, no meio tempo, se dera com o ser humano: se ele se tornara maior ou menor”.<sup>157</sup>

### 3. Considerações finais:

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise comparativa entre a crítica de Nietzsche à democracia moderna e a de Platão à democracia ateniense. A partir da obra *Assim falou Zaratustras* de Nietzsche e da *República* de Platão apresentamos uma possível relação entre o nome da “cidade cara ao seu coração” chamada A Vaca Pintalgada e a cidade democrática descrita por Sócrates como um “manto florido e variegado” e “espetáculo multicores”. A democracia moderna, sustentada sobre a noção de igualdade entre os homens, foi considerada por Nietzsche como uma revolta dos ressentidos contra tudo o que é elevado. Assim também, a democracia ateniense foi descrita por Platão como forma de governo desordenada e variada que nivela os homens a partir da ideia da igualdade.

---

<sup>156</sup> Ibid. §14, 195.

<sup>157</sup> Za/ZA, “Da virtude amesquinhadora”, 203.

A crítica de Nietzsche se direciona a democracia enquanto degeneração de forças organizadoras. Nesse caso à democracia como poder da maioria que, em nome de uma igualdade, busca uniformizar a humanidade. Tendo por base os princípios morais cristãos, a política democrática condena tudo o que seja diferente e acima da opinião pública. Nesse tipo de “cidade democrática”, a dominação do instinto gregário leva ao comodismo e a conservação de um tipo de vida medíocre, cansado e monótono. Além de criar um ódio, nascido do medo do estranho, a tudo que representa a diversidade, a força, a autoafirmação. Os homens comuns da cidade não apenas temem o diferente, mas sentem-se pequenos e impotentes perante aquele que se elevou, se distanciou da mesmice e desafiou os pastores do rebanho.

A obra *Assim falou Zaratustra* está repleta de símbolos, sinais e metáforas proporcionando um vasto ângulo de percepções, assim como os diálogos de Platão estão recheados de metáforas e mitos. O presente trabalho se apresentou como mais uma das múltiplas possibilidades de leitura dessas obras, e por isso está sujeita às limitações e aberto a continuidade. Faz-se necessário em estudos futuros aprofundar um desses dos conceitos que trabalhamos, fazendo uma investigação mais minuciosa e detalhada do tema.

## Referências:

CRAGNOLINI, Mónica B. De Bactriana e as margens de Urmi à montanha e o acaso: Como introdução à leitura de *Assim falou Zaratustra*. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabrina; BARROS, Tiago (Orgs.). **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 17-36.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, reflexão filosófica e vivência. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabrina; BARROS, Tiago (Orgs.). **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 273-282.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia De Bolso, 2016.

\_\_\_\_\_. **A vontade de poder**. Trad. de Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro, Contaponto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

\_\_\_\_\_. **Ecce homo.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

PLATÃO. A República. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

RUBIRA, Luís. Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche. **Tempo da Ciência**, Paraná, v. 12, n. 24, p. 113-122, 2º sem. 2005.